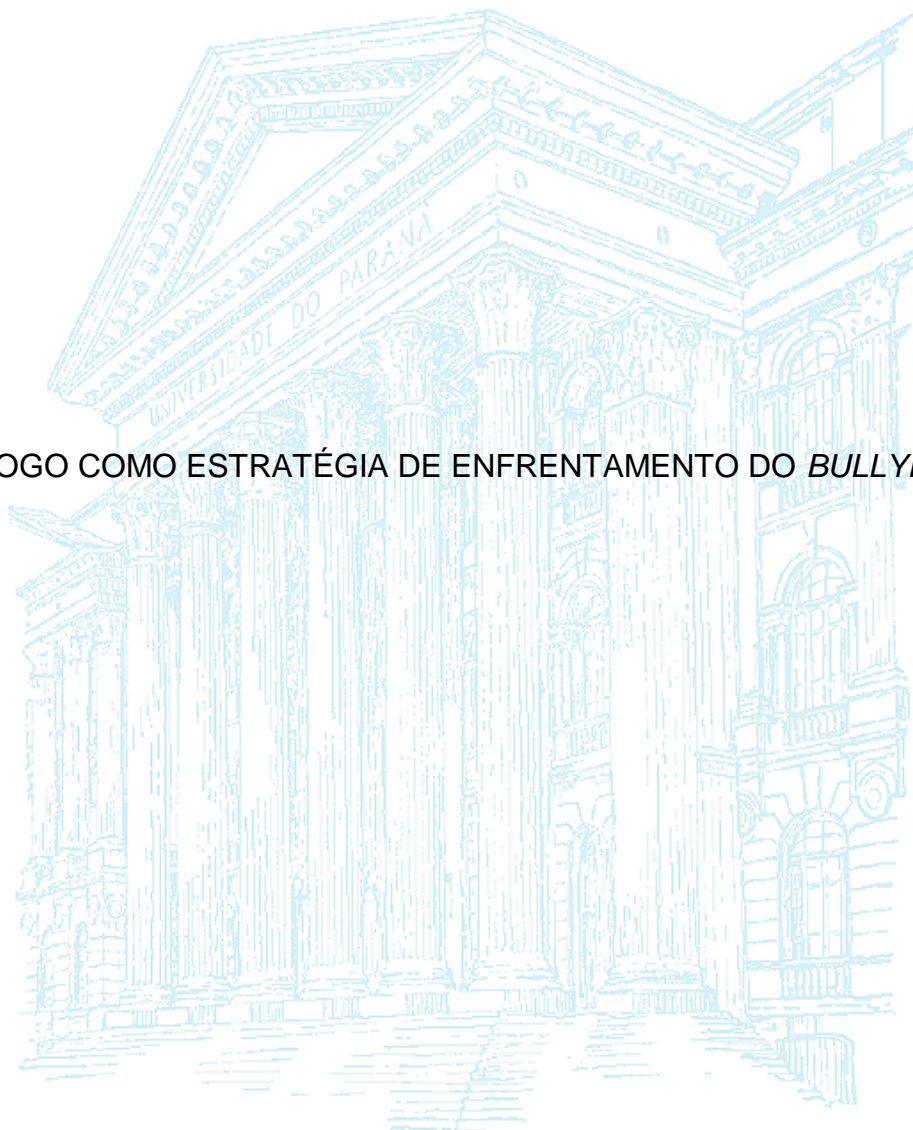


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELISA LOBE SIGNORI

O DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*



BLUMENAU
2016

ELISA LOBE SIGNORI

O DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Aline de O. Gonçalves

Co-orientador: Prof. Clóvis Wanzinack

O DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO **BULLYING**

Elisa Lobe Signori¹; Aline de Oliveira Gonçalves²; Clóvis Wanzinack³

¹ Psicóloga, Pós-graduada em Psicopatologia da Infância e da Adolescência. UFPR. E-mail: elisasignori@gmail.com

² Mestre em comunicação, especialista em sociologia política, graduada em comunicação com habilitação em jornalismo. Técnico-administrativa na UFPR Litoral. E-mail: alinegoncalves@gmail.com

³ Mestre em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Paraná. E-mail: cloviswa@gmail.com

Resumo: O *bullying* é um fenômeno caracterizado por atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem em relações desiguais de poder. Este artigo apresenta uma discussão teórica sobre o fenômeno e analisa algumas estratégias utilizadas para combatê-lo em um contexto escolar. A metodologia foi baseada na revisão bibliográfica e na aplicação de um questionário quantitativo e qualitativo. O instrumento de pesquisa foi elaborado pelos/as autores/as e respondido por quinze professoras de nível fundamental de uma escola na cidade de Blumenau (SC). A aplicação do questionário possibilitou conhecer as estratégias utilizadas pelas respondentes e a efetividade dessas ações, observada por elas mesmas. A partir das informações obtidas, foram propostos diálogos sistematizados com alunos/as e familiares como forma para a conscientização e enfrentamento do *bullying*, conforme prevê o Programa de Combate à Violência Sistemática (*Bullying*) através da Lei N° 13.185 de 06 de novembro de 2015¹.

Palavras-chave: *bullying*; escola; estratégias; violência.

Abstract: Bullying is a phenomenon characterized by aggressive, intentional and repetitive attitudes that occur in unequal relationships of power. This article presents a theoretical discussion about the phenomenon and analyzes some strategies taken to fight it in the school context. The methodology was based on the bibliographical revision and in the application of a quantitative and qualitative questionnaire. The research instrument was made by the authors and answered by fifteen elementary school teachers in a school in the city of Blumenau (SC). The application of the questionnaire made it possible to know the strategies taken by the answerers and the effectiveness of these actions, observed by themselves. From the information gathered, systematic dialogues with the students and families were proposed as a way of becoming aware and fighting bullying, as it is proposed by the Program of Fighting the Systematic Violence (*Bullying*) through the Law N° 13,185 from November 6th 2015.

Key words: *bullying*; school; strategies; violence.

¹ BRASIL. Lei N° 13.185, de 6 de Novembro de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 10 de Novembro de 2015.

INTRODUÇÃO

O *bullying* não é um fenômeno novo, muito embora tenha ganhado mais repercussão nos últimos anos. O hábito de dar apelidos aos colegas de escola ou fazer brincadeiras com as características de cada um é tão velho quanto a própria escola. Porém, chama atenção os novos contornos que estão sendo dados para esse fenômeno.

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. (LOPES NETO, 2005, p. 165)

Ribeiro (2011, p. 132) diz que *“um ato é sempre simbólico e seu significado depende de interpretações”*. Assim, aponta que apesar de o sofrimento causado pelo *bullying* ser o mesmo do que antes o que mudou foi sua representação social. Ou seja, o fenômeno não se alterou, o que sofreu alteração foi o modo como ele é interpretado/concebido nos dias atuais. Neste ponto, vale situar que se vive o auge da sociedade individualista na qual impera o desejo de destacar-se perante os outros (PINHO, 2011).

Pode-se considerar que o *bullying* seja o artifício encontrado por alguns para conseguir as atenções voltadas para si. Isso porque conforme Ribeiro (2011, p. 139), *“Tudo indica que práticas de bullying se produzem através da montagem de um cenário em que a plateia desempenha um papel importante: a agressão precisa ser testemunhada”*. A tentativa do agressor pode ser interpretada como uma estratégia para mostrar-se forte perante os demais e, assim, configurando-se como um sintoma social moderno que coloca o indivíduo como bem supremo. (PINHO, 2011)

Estudos apontam que é bastante comum que os comportamentos violentos sejam reproduzidos por sujeitos que tenham vivenciado situações de violência. Assim, o sofrimento já inicia com o agressor que vivencia momentos de angústia e conflitos (SIGNORELLI, 2014; RIBEIRO, 2011).

Em relação às vítimas, Silva (2010) aponta que no geral são os/as alunos/as que possuem poucas habilidades de socialização e, portanto, não conseguem reagir aos comportamentos agressivos a eles/as dirigidos. Sobre isso, completa: “qualquer

coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do *bullying*" (SILVA, 2010, p. 38).

Nesse contexto, as instituições educativas possuem papel importante na prevenção de tais práticas. A agressividade é intrínseca ao ser humano. Assim, faz-se necessário que ela possa ser sublimada e transformada positivamente sem que culmine em atos violentos.

[...] é fundamental que a instituição escolar possa situar uma instância de alteridade que permita que as manifestações de agressividade entre os pares possam ser atravessadas pelo campo da palavra, garantindo dessa forma a preservação do laço social. (PINHO, 2011, p. 249)

Pinho (2011) ainda alerta para o risco de as políticas contra o *bullying* transformarem todas as manifestações agressivas em signos do fenômeno. A posição repressora das manifestações de agressividade poderia causar danos ainda maiores. Ressalta que a função primordial da educação é fazer com que as experiências de agressividade possam ser vivenciadas e simbolizadas de acordo com os padrões éticos da sociedade.

Para que tudo isso seja possível, é de fundamental importância que a temática do *bullying* seja amplamente discutida nos ambientes educacionais, sobretudo alertando as famílias das crianças e adolescentes para os efeitos de tal violência.

A escola é um contexto que propicia desenvolvimento de habilidades, competências, formação e desenvolvimento de conceitos, saberes e opiniões, por isso tem o papel fundamental de buscar alternativas para o enfrentamento e prevenção do *bullying*. (FREIRE& AIRES, 2012, p. 56)

Em seus estudos sobre o *cyberbullying* (*bullying* praticado através da internet), Conte e Rossini (2010) *apud* Wanzinack (2014, p. 76) apontam que:

[...] aproximadamente 40% das crianças e jovens brasileiros entre 10 e 18 anos costumam navegar pela internet por mais de duas horas diárias. E quase metade desse grupo navega sem o acompanhamento dos pais [...]. Também cabe mencionar que grande parte dos adultos (46%) não se preocupa em saber o que os filhos estão acessando no computador.

Os dados são alarmantes e demandam intervenções urgentes no sentido de informar à sociedade sobre os efeitos que a prática do *bullying* traz ao sujeito. Visto

que, conforme apontam Francisco e Libório (2009), a intimidação e a vitimização são processos complexos que se reproduzem nas relações sociais e podem agravar-se progressivamente. Além disso, Silva (2010) aponta que o *bullying* ocorre em 100% das escolas do mundo podendo variar o índice em cada realidade escolar dependendo do conhecimento e da postura adotada quando as situações ocorrem.

A partir disso, o presente artigo buscou compreender quais são as situações no contexto escolar que são caracterizadas como *bullying* e, ainda, refletir sobre as estratégias de prevenção que são utilizadas para combater esse fenômeno.

Inicialmente, procuramos caracterizar o fenômeno do *bullying* e descrever quais são os fatores que contribuem para sua incidência no contexto escolar. A partir disso, buscamos refletir acerca das estratégias de prevenção utilizadas nas escolas e sua efetividade. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Blumenau (SC) no período de setembro a outubro de 2015. Por fim, propusemos estratégias de enfrentamento do *bullying* levando em conta a dimensão de agressividade que é intrínseca ao ser humano.

METODOLOGIA

A proposta do trabalho caracteriza-se como um estudo de perfil exploratório, ou seja, “busca proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento das ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41). Além disso, a abordagem da pesquisa é considerada quanti-qualitativa. González Rey (2002) considera que:

A pesquisa qualitativa não exige a definição de hipóteses formais, pois não se destina a provar nem a verificar, mas a construir, e não requer a explicitação do que vai ser provado, pois frequentemente isso não se conhece no começo. Quando afirmamos que ela não se destina a provar nem a verificar, não quisemos dizer que em seu curso não se verifiquem e provem determinadas coisas, mas que esses objetivos aparecem como momentos do processo de pesquisa, e não representam momentos analíticos estabelecidos como o fim da pesquisa. (p.73)

Para alcançar esses objetivos decidiu-se realizar esta pesquisa através de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. A revisão bibliográfica, conforme Gil

(2002) pode ser compreendida como a pesquisa que é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, como livros ou artigos científicos. A revisão bibliográfica:

Exige do pesquisador a produção de argumentação sobre o tema, oriundas de interpretação própria, resultado de um estudo aprofundado sobre o assunto. Concordar, discordar, discutir, problematizar os temas à luz das ideias dos autores lidos são os procedimentos dessa modalidade de pesquisa. (TOZONI-REIS, 2007, p. 27)

A pesquisa de campo é caracterizada por ter a fonte dos dados no próprio campo em que ocorrem os fenômenos a serem estudados. Nessa pesquisa, delimitamos o campo educativo e, portanto, a escola como local de pesquisa. Desta forma, “a pesquisa poderá contribuir para a construção do saber educacional e o avanço dos processos educativos” (TOZONI-REIS, 2007, p. 28).

É necessário salientar, ainda, que nas pesquisas qualitativas os resultados configuram-se como momentos parciais da pesquisa que se integram e produzem novas perguntas abrindo novas possibilidades de produção de conhecimento (GIL, 2002, p. 42).

A fim de possibilitar uma aproximação com a realidade apontada decidiu-se por realizar aplicação de questionário com a finalidade de problematizar as situações que são trazidas nas referências utilizadas. O questionário foi elaborado pelos/as autores/as e foi composto de oito questões, sendo duas questões fechadas e seis abertas. Os questionários foram respondidos por quinze professoras do nível fundamental (1º a 5º ano), durante o mês de outubro de 2015. Os questionários foram aplicados somente a professoras em virtude da opção de abordar somente pelas regentes (que passam a maior parte do tempo com a mesma turma).

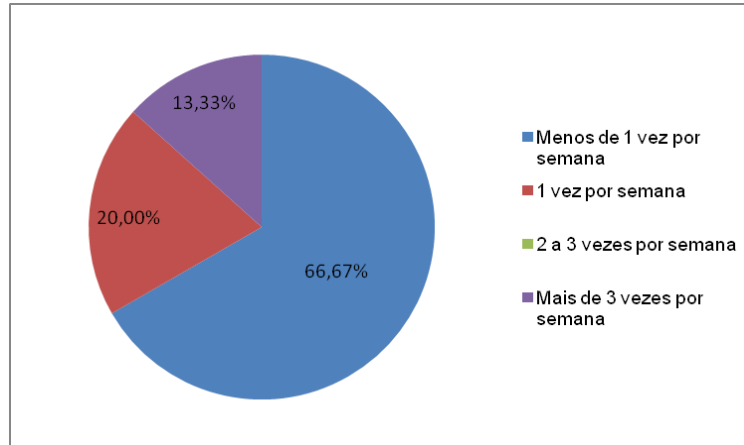
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, procurou-se compreender se o conceito que as professoras respondentes tinham de *bullying* era similar ao apontado anteriormente pela literatura, levando em conta, especialmente a dimensão da repetição e da intencionalidade dos atos. Na análise das respostas foi observado que 73%, de um total de quinze, respondentes definiu *bullying* utilizando-se da repetição como fator determinante. Além disso, 53% dos respondentes destacou a intencionalidade como característica do fenômeno do *bullying*. A partir disso, tem-se notícias de que o

conceito de *bullying* é algo já trabalhado e que faz parte do cotidiano institucional da qual os respondentes fazem parte.

Em relação à incidência do fenômeno, a maioria dos respondentes relatou que é um fenômeno que observam menos de uma vez por semana, conforme aponta o gráfico 1.

GRÁFICO 1 – FREQUÊNCIA COM QUE O *BULLYING* É OBSERVADO NO CONTEXTO ESCOLAR



FONTE: Os/as autores/as (2015)

Sobre esse indicador, vale ressaltar que se refere à taxa observada pelos professores, ou seja, situações que de alguma forma presenciam ou que são chamados para intervir. Sobre este ponto, Freire e Aires (2012, p. 56) lembram que o *bullying* é um fenômeno “de difícil identificação por acontecer longe de adultos e por não haver denúncias por parte das vítimas devido ao medo de retaliação”. (FREIRE; AIRES, 2012, p. 56).

Outro fator importante presente no questionário diz respeito às estratégias de conscientização e enfrentamento que são utilizadas no contexto escolar. Observou-se que 93% dos quinze respondentes referiram-se à função do diálogo e envolvimento de diversos profissionais (professores, coordenação, psicologia escolar, pastoral escolar). Além disso, reforçaram a necessidade de se ter regras claras e do trabalho que a escola desenvolve baseado em valores (em especial o respeito e a amizade). Sobre isso, Lopes Neto aponta que:

Os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas. (LOPES NETO, 2005, p. 170).

O diálogo é fundamental tanto para que a situação possa ser resolvida, bem como para que haja conscientização dos alunos e não volte a se repetir. Mas, além disso, o diálogo pode proporcionar uma melhor compreensão das causas do fenômeno. Para a psicanálise, é usual que o sujeito atribua ao “outro” aquelas características que rejeita em si mesmo, fenômeno descrito por Freud como “projeção” (ALBINO; TERÊNCIO, 2012). Sobre isso, Fontes et. al. ressalta:

a agressividade entre os pares como um exemplo daquilo que Freud nomeou narcisismo das pequenas diferenças, algo que faz parte da estrutura do nosso funcionamento psíquico, portanto, algo que resiste sempre a qualquer tentativa de eliminação. Algo que nos torna mais tolerante com os “iguais” e mais intolerantes com os “diferentes”. (FONTES et. al., 2012, p. 6)

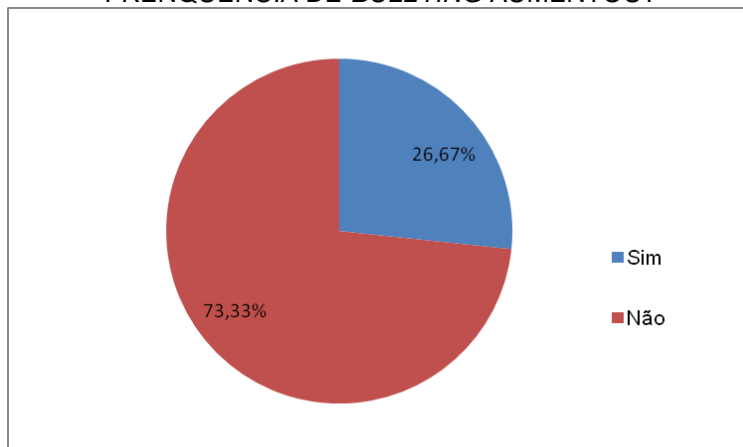
Além disso, a participação das famílias é de fundamental importância para que as estratégias possam ser pensadas e, assim, que a conscientização seja efetiva, visto que “[...] qualquer tipo de intervenção ao *bullying* deve levar em consideração as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais, partindo do pressuposto de que elas vão se diferenciar dependendo do contexto em que estão inseridas” (FREIRE; AIRES, 2012, p. 56). Neste ponto, foi constatado que apenas 46% das quinze entrevistadas citaram a participação da família nas estratégias de conscientização. Este fato é preocupante, na medida em que algumas condições familiares acabam por favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças e adolescentes como, por exemplo: relacionamento afetivo pobre, excesso de tolerância ou de permissividade, maus-tratos, etc (LOPES NETO, 2005).

As questões familiares e culturais são utilizadas para justificar o modo como o *bullying* é visto atualmente e o modo como era observado pelos respondentes na época em que eram alunos. Sobre isso, Albino e Terêncio (2012, p. 3) apontam que:

Até pouco tempo atrás, a prática do *bullying* escolar costumava ser vista pelos adultos, inclusive pais, professores e diretores, como brincadeiras pueris, próprias à idade infantil ou adolescente. Falava-se, inclusive, em ser algo que faz parte da iniciação à vida adulta, comparável até mesmo a um rito de passagem (ALBINO; TERÊNCIO, 2012, p. 3).

Quando questionados sobre a época em que estudaram comparando com as observações que fazem de seus alunos/as hoje, observou-se que os respondentes indicam que a incidência de *bullying* não aumentou (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2 – COMPARANDO A ÉPOCA EM QUE ESTUDOU E O QUE OBSERVA HOJE, A FREQÜENCIA DE *BULLYING* AUMENTOU?



FONTE: Os/as autores/as (2015)

Entre as justificativas apontadas pelos respondentes, destacam-se:

Ao meu ver, acontece da mesma forma. Porém, hoje é mais explícito. A antipatia por algum colega é deixada claro. Há tempos atrás, a coisa era mais sutil, mas havia, só que não tinha denominação, não havia “propaganda” disso, como há hoje. *Bullying* sempre teve, desde que a raça humana tomou conhecimento da fraqueza do “outro” (Entrevistada 4).

Essas observações fazem pensar na influência trazida pela valorização da individualidade muito presente na contemporaneidade, fato que dificulta a percepção e o respeito ao outro. A Entrevistada 8 complementa:

Eu penso que sempre houve *bullying*. O que acontece é que antigamente não existia um conceito para essa prática (ou não era conhecido abertamente como hoje). E o *bullying* mudou de foco. Antes era muito mais para “brincar” com o amigo. Agora parece que o foco é excluir, isolar o meu diferente. E isso sim me preocupa, o como as práticas ficaram mais agressivas e sérias. E para machucar mesmo e se faz isso sem sentir-se culpado. (Entrevistada 8)

Sobre isso, Ribeiro (2011, p. 139) diz que: “é disso que se trata no *bullying*: da afirmação de si e da busca pelo reconhecimento de seu valor. Nesse contexto, o outro, a vítima, é apenas um instrumento” (RIBEIRO, 2011, p. 139). Além disso,

Pinho (2011, p. 252) destaca que “o *bullying* é efeito da ancoragem do sujeito no narcisismo, com a conseqüente retirada de cena das referências simbólicas, uma cultura individualista como a nossa é um terreno extremamente fértil para sua produção e proliferação” (PINHO, 2011, p. 252).

Por fim, as questões familiares como a proteção excessiva e o excesso de permissividade dado às crianças podem contribuir para a incidência de *bullying*. Visto que, conforme aponta Ribeiro:

O que se percebe em muitos casos é a recusa, ou dificuldade, de os pais assumirem um lugar de autoridade frente a seus filhos, de assumirem uma posição de onde eles possam, legitimamente, transmitir ideais e valores que sejam, ao mesmo tempo, singulares e voltados à produção de relações sociais mais solidárias (RIBEIRO, 2011, p. 144).

Essa percepção é apontada pelos respondentes e destacada quando colocam as palestras como estratégias que propõem além daquelas já colocadas em prática, no intuito não somente de informar e alertar para os efeitos do *bullying*, mas, sobretudo, de conscientizar as famílias para aquilo que causa esse fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou através de revisão de bibliografia e aplicação de questionários compreender o fenômeno do *bullying* no contexto escolar na atualidade. Através das respostas obtidas conseguiu-se perceber que o combate à violência e à agressividade dentro da escola precisam ser alvo de ações coletivas.

Através dos indicadores quantitativos e qualitativos se faz necessária a ampliação do debate no ambiente escolar para que se possa ampliar o acesso à informação e conseqüentemente, minimizar a ocorrência do *bullying*. O trabalho de conscientização precisa ser desenvolvido tanto com os/as alunos/as quanto com seus familiares e equipe docente.

Percebeu-se que o conceito de *bullying* já é bastante difundido, mas que as estratégias de enfrentamento ainda podem ser aprimoradas visto que ainda ocorrem diversos casos. Acredita-se que o diálogo tenha importante função na escola como promotor de conscientização e, também, como possibilidade de expressão de

agressividade. Assim, pensa-se que a escola deva promover espaços de discussão e diálogo sistematizados com alunos/as e familiares.

A recente aprovação do Programa de Combate à Violência Sistemática (*Bullying*), através da Lei Nº 13.185, de 06 de novembro de 2015 torna ainda mais evidente a necessidade de fomentar espaços de diálogo e orientação visto que no texto aprovado sugere-se tanto as práticas orientativas bem como indica instrumentos alternativos (que não a punição) para uma efetiva responsabilização e mudança de comportamento.

Por fim, esta pesquisa buscou conhecer o olhar que as professoras têm sobre o tema e como continuidade do estudo sugere-se a realização de estudo semelhante aplicando questionários com as famílias de crianças e adolescentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos de forma especial aos quinze professores que gentilmente responderam ao questionário, enriquecendo nossa pesquisa e possibilitando que a revisão de literatura ganhasse contornos de realidade.

REFERÊNCIAS

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações críticas sobre o fenômeno do *bullying*: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAFF**. Porto Alegre – RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol. 1, n. 2, fev/maio 2012.

BRASIL.. **Lei Nº 13.185**, de 06 de Novembro de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 10 de Novembro de 2015.

FONTES, A. M. M; PAIVA; A. A. B; DEVÊZA, C. M; MAURÍCIO, R. C. L. Agressividade entre pares: Excesso de intolerância. In: **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação**, 9, 2012, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032012000100030&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 02 de outubro de 2015.

FRANCISCO, M.V.; LIBÓRIO, R.M.C. Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(2), 200-207, 2009.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. IN: **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, p. 55-60, Janeiro/Junho de 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira, 2002.

LOPES NETO, A. A. *Bullying* – Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, 81 (5), 164-176. (2005)

PINHO, G. S. O sujeito do bullying. IN: APPOA. **Autoridade e Violência**. Porto Alegre; APPOA, 2011.

RIBEIRO, E. M. Bullying: Uma violência em busca de sentido. IN: APPOA. **Autoridade e Violência**. Porto Alegre; APPOA, 2011.

SIGNORELLI, M. C. Violência de Gênero: Um desafio para a educação. IN: In: SIERRA, J. C.; SIGNORELLI, M. C. **Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia**. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2007.

WANZINACK, C. Bullying e Cyberbullying: Faces silenciosas da violência. IN: In: SIERRA, J. C.; SIGNORELLI, M. C. **Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia**. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.